

OS GUAIANÁ DE SÃO PAULO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE*

Benedito Antonio Genofre Prezia**

PREZIA, B.A.G. Os Guaianá de São Paulo: uma contribuição ao debate. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 155-177, 1998.

RESUMO: A questão Guaianá, que envolveu historiadores e lingüistas no início do século passado, em que se discutia se a população indígena de Piratininga era ou não tupi, continua em aberto. Por isso, este trabalho, a partir dos escritos de cronistas e missionários dos séculos XVI e XVII, levanta a hipótese de que o etnônimo Guaianá/Guaianã, foi atribuído a vários grupos indígenas no Brasil e que em São Paulo identificou dois povos, ambos de língua do tronco macro-jê: os Guaianá, que viveram na serra do Mar, próximos culturalmente aos Puri e os Guaianá do Sul, trazidos para São Paulo em meados do século XVII, e que seriam ancestrais dos Kaingang.

UNITERMOS: Etnohistória indígena – Guaianá – Linguística: São Paulo, Paraná.

Introdução

A identificação dos antigos moradores do planalto já foi tema de calorosos debates, em que se envolveram historiadores, lingüistas e antropólogos, no início do século. Embora este assunto tenha perdido o interesse nas últimas décadas, muita coisa está em aberto e exige maiores pesquisas. Monteiro (1992) retomou a discussão, contextualizando o panorama político em que se realizou este debate.

Nosso objetivo é, a partir de alguns traços culturais e algumas palavras conservadas pela documentação quinhentista e seiscentista, levantar a hipótese de que em São Paulo, o etnônimo *Guaianá* designou dois grupos distintos, ambos do tronco lingüístico *macro-jê*: um, ligado a um grupo coletor, vivendo na serra do Mar e que faria parte de um complexo cultural, cujos remanescentes seriam os *Puri* e *Coroado* do vale do Paraíba e sudeste de Minas; um outro ligado a um grupo horticultor do Sul, ancestral dos atuais Kaingang.

Devido ao recorte adotado em nossa dissertação de mestrado, nos ativemos apenas aos escritos dos missionários e cronistas do século XVI e XVII, usando de forma complementar a documentação oficial da época, especialmente as *Atas da Câmara de São Paulo*. O levantamento de dados dos *testamentos e inventários* da época e dos livros de *Registro Geral de São Paulo*, assim como a pesquisa arqueológica da região, seriam contribuições indispensáveis para um resultado mais conclusivo.

(*) Este artigo é um capítulo da dissertação de mestrado "Os indígenas do planalto paulista. Etnônimos e grupos indígenas nos relatos dos viajantes, cronistas e missionários dos séculos XVI e XVII", apresentado ao Depto. de Linguística da FFLCH-USP, no segundo semestre de 1997.

(**) Assessor do Conselho Indigenista Missionário - CIMI, Regional Sul.

1. A polêmica “questão Guaianá”

Embora a presença tupi no planalto paulista, por ocasião da chegada dos portugueses tenha sido confirmada por quase todos os cronistas do século XVI e XVII, como apontam estudiosos da questão (Sampaio [1903]1978a, Taunay 1921, Schaden 1958:750-54, Monteiro 1984:22-24, 1992),¹ a dúvida surgiu no final do século XVIII quando Frei Gaspar da Madre de Deus, retomando Gabriel Soares de Sousa, afirmou categoricamente serem *Guaianases* os moradores da região ([1797]1975:54).

Entretanto, a polêmica histórica teve início em outubro de 1888, quando João Mendes de Almeida, numa sessão solene da Sociedade dos Homens de Letras de São Paulo, a partir de um texto de Anchieta, afirmou que os antigos moradores de São Paulo não eram Guaianá, como tradicionalmente se afirmava (“O ataque de Piratininga”, 1912:75:86. In: Monteiro 1992:125). Embora o objetivo não fosse polêmico, fez com que em 1895 Von Ihering, diretor do Museu Paulista, contestasse esta posição (RMP 1895, 1:35-159), retomando a tese do monge beneditino. Contra ela insurgiu-se Capistrano de Abreu, em artigo publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, contestando que este grupo pertencesse à cultura tupi ([1917]1963:244).²

O debate estava formado, com defensores de ambos os lados. Alguns, como Von Ihering e Teodoro Sampaio, que seguiam a tese dos *Guaianá-Tupi*, foram convencidos pela argumentação do historiador cearense e passaram a apoiar a tese dos *Guaianá-Jê*. Estabeleceram-se pois duas correntes ou tradições, como classificou Monteiro (1992: 127): a *tradição histórica*, liderada por Capistrano de Abreu e posteriormente apoiada por Sampaio e Washington Luiz, que apontava este grupo, como sendo não tupi, aparentado aos Guarulho-Maromomi; e a *tradição insistente*, chamada também

de tradição paulista, liderada por Afonso de Freitas e Plínio Ayrosa, com muitos seguidores, baseava-se em textos de Soares de Sousa, Rocha Pita e Madre de Deus, afirmando serem os Guaianá os antigos moradores de Piratininga, possuindo língua e cultura tupi.³

A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* foi a tribuna desta longa tertúlia etnográfica, que teve como ingrediente complementar o regionalismo paulista, estimulado pela revolução constitucionalista de 1932 (Monteiro 1992: 125-35). A intelectualidade paulistana se incomodava com a idéia de serem os Guaianá de língua jê e prováveis ancestrais dos “selvagens” Kaingang, que estavam sendo combatidos no oeste paulista, não se identificando com o “dócil” perfil dos colaboradores dos jesuítas em Piratininga (id., ib.).

Embora esta polêmica tenha ocorrido até a década de trinta, pouco se escreveu depois, sendo que pesquisadores modernos continuam repetindo a tese paulista, sem terem se aprofundado mais na pesquisa (ver Schaden 1958: 754, Bomtempo 1970:19-24, Dick 1997: 69). Outros enveredaram-se por classificações mais estranhas, dividindo os indígenas do planalto em “três facções”: “os *Guaianá propriamente dito*, vivendo no planalto; os *Guaianá-Tupiniquim*, vivendo no litoral sul, até Cananéia e os *Guaianá-Muiramomi*, que ocuparam o vale do Paraíba até o litoral de Ubatuba” (Ayrosa 1934. In: Petrone 1995: 31).

Até mesmo grandes pesquisadores, como Métraux, baseado em Soares de Sousa afirmou:

Tebyreçá, who played such an important part in the early history of São Paulo, was a Guayaná chief. The settlement of Pinheiros, near old São Paulo, was formed by Indians of that tribe. Since the toponymy of this region is Guarani, some authors consider the guayaná a Tupi-guarani tribe (HSAI 1946, 1: 445).

Entretanto, deixou em aberto a questão, quando disse “though it is possible that the *Guayaná* of Piratininga spoke *Tupi*, there is little doubt that the majority of *Guayaná* belonged to a different family and were the ancestors of the modern *Caingang*” (id., ib.).

(1) Ver também o capítulo de nossa dissertação sobre a presença tupi no planalto e a bibliografia indicada (1997:133-71).

(2) Deste artigo publicado provavelmente no ano de 1895, tivemos apenas a referência a partir da citação de Von Ihering. Tudo indica que o conteúdo do mesmo tenha sido retomado por Abreu, anos mais tarde, no texto que publicou no *Jornal do Comércio* (25.1.1917), reproduzido no capítulo “Guaianases de Piratininga” do livro *Capítulos de História Colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil* (1963: 244-8).

(3) Para uma referência dos textos mais citados na época, ver a bibliografia elaborada por Ayrosa (1967: 61-73).

Nimuendaju, no seu mapa etnohistórico, coloca igualmente os Guaianá no planalto paulista ([1944]1987).

Com defensores deste porte, a confusão propagou-se, e hoje se lê em obras recentes que São Paulo teria sido povoada pelos ancestrais dos Kaingang (Zwetsch 1994:16-17), e que a aldeia de Piratininga era “a taba do chefe guaianá Tibirica”, como se vê em guias turísticos (Atrações: Basílica de São Bento, *Guia São Paulo, Ruas*, Ed. Abril, 1993:13).

Sem pretendermos encerrar o debate, desejamos apenas, a partir de fontes quinhentistas e seiscentistas, seguir a *tradição histórica*, procurando delinear o perfil cultural dos grupos chamados *Guaianá/Guaianã*, identificando seu habitat e idioma, e procurando também mostrar que, em São Paulo, provavelmente houve duas etnias com o mesmo etnônimo.

2. O etnônimo

Como os outros grupos do planalto, há uma certa divergência não somente quanto ao nome, mas sobretudo quanto à grafia. O alemão Staden registra *Wayganna* ([1557]1900: 124; 168), ao passo que os franceses, como Léry, escrevem *Ouëanen/Ouëanen* (1578:288, 355) e Thevet, *Ocauan* (MBP II:122). Devido a grafias alteradas pelos tipógrafos, bastante frequentes na obra deste franciscano, acreditamos que o etnônimo *Ocauan* devesse ser originalmente *Oëanan*, aproximando-se da grafia de Léry.

O inglês Knivet grafou *Wyanasses* ([1625] 1947: 46, 137) e o português Gabriel Soares de Sousa, o iniciador da confusão histórica, escreveu *Goianá/Goianazes*. Entre os jesuítas também não houve consenso: encontramos *Guayamã* em Anchieta (CAB:448), que talvez possa ser erro de copista, pois não tivemos acesso ao texto original; *Goianã/Goianazes* em Viegas (HCJB 9: 385); e *Guaianás*, em Vasconcelos (VA 1: 40, CCJ 1:110).

Se não há unanimidade quanto ao etnônimo, a divergência é ainda maior quanto à identidade cultural do grupo. Este etnônimo é citado em outras regiões do Brasil – Norte, Nordeste e Sul –, indicando geralmente grupos não tupis.

D'Abbéville registra *Ouyänans*, no Maranhão, vivendo próximos ao Tremembé e Pacajara, supostamente povos não tupis ([1614] 1945:151).

Cardim se refere aos *Guayaná*, “que vivem para a parte do sertão da Bahia, (...) e tem língua por si”, isto é, diferente da língua tupi ([1625] 1978:124).

Knivet, ao descrever a costa entre Pernambuco e Bahia, localiza os *Mariquitás*, “que são alcunhados *tapuias* por todos os outros índios. (...) Tal nome é tido em grande desabono, exceto entre os próprios *tapuias*, ou entre uma outra casta de selvagens, os *waanasses [guaianases]*, de costumes idênticos aos *mariquitás*” ([1625]1947:127. Grifo nosso). Isto leva a identificar também esses *waanasses* como não tupis.

No Sudeste há as referências já citadas acima. No Sul surgem novos Guaianá/Guaianã. Paes Leme narra o episódio em que Fernão Dias, por volta de 1661, foi buscar na serra de Apucarana “índios da nação *Guyanaã*” (NP 3: 63-64).

Na documentação jesuítica, grupos *Guañanas* são localizados próximos ao rio Iguaçú e nas nascentes do Piquiri (Montoya, MCA 1:277), o mesmo ocorrendo no mapa de Ernot ([1632] Paraquaria. In: Melià 1993: 63), que os situa no atual Paraná (ver Fig. 1).

Ainda entre os autores hispânicos, no século passado, Lozano refere-se aos *Guañanas* e *Gualachos* que viviam às margens do Rio Iguaçú (1873-5, 1: 422. In: Métraux HSAI 1: 445). Azara cita dois grupos *Guayaná*: um vivendo a oeste do rio Uruguai, não falando guarani, e outro grupo *Guayaná*, falante guarani, vivendo tanto à margem direita do rio Paraná, entre os rios Caraguapé e Monday, quanto à margem esquerda do mesmo rio, entre a antiga redução de Corpus e o rio Iguaçú (1904: 404-7. In: Métraux, id., ib., p. 446). Aqueles não falantes guarani Métraux os identifica como prováveis ancestrais dos Kaingang (id., ib.).

Assim, estamos diante de grupos bastante distintos, parecendo ser o etnônimo *Guaianá/Guaianã* um nome genérico dado a povos não tupis. Esta interpretação aventada por Schaden (1958: 754), havia sido também indicada por Díaz de Guzmán, já no século 17: “Este nombre [Guaianá] dan a todos los que no son guaranis, puesto que tengan otro propio” (La Argentina, 1612. In: J.C.G. Ribeiro, RIHGSP 1908, 13: 187). Ao fazer a história das províncias do Sul, o cônego Gay, reafirma que existem “outros índios que moram no interior, chamados *Guayanás*, se bem que *este nome se dá a todos os índios que não são Guaranis* e que não têm nome próprio” (RIHGB, 1863, 26: 430. Grifo nosso).



Fig. 1. Grupos indígenas do Sul, no século XVII (Mapa Paraquaria, ERNOT, 1632. In: MELIA, 1993:63).

Por ser a variante *Guaianá/Guaianazes* a mais consagrada pelo uso, sobretudo em São Paulo, a adotaremos aqui.

A seguir passaremos à análise dos vários grupos *Guaianá* que vão aparecer na documentação quinhentista e seiscentista na região Sul e Sudeste.

3. Os Guaianá de Gabriel Soares de Sousa

Como Sousa foi a grande fonte a partir da qual surgiu a “questão Guaianá”, seu relato será melhor analisado e cotejado com textos dos jesuítas que viveram com as populações de Piratininga.

Convém termos presente a observação de Rodrigues, que afirma que Soares de Sousa “é muito mais fidedigno para a Bahia que para as mais capitânicas sobre as quais escreveu baseado em documentos e em testemunhos de outros” (1979: 435), o que poderá dar a real dimensão de seu texto. Esta mesma opinião foi compartilhada por Abreu ([1917]1963: 245). Entretanto, Sousa tem sido a grande referência ao longo destas décadas (Marques [1879]1980: 309; Sampaio, RMP 1897, 2:116-7; Ayrosa 1967: 46).

Ao descrever os indígenas da costa, este cronista diz que os “*Tamoyos* são fronteiros de outros gentios, que se chamam os *Goianazes*”,⁴ ocupando um território que ia de Angra dos Reis até Cananéia, confrontando-se com os Carijó, ao Sul ([1587]1938:110). Afirma também que Martim Afonso assentou uma vila “em uma ilha, d’onde lançou os *Goianazes*, que é gentio que a possuía e senhoreava aquella costa até contestarem com os *Tamoyos*” (id., ib., p. 105). Afirma que com este gentio se “teve pouco trabalho, por ser pouco bellicoso e fácil de contentar” (id., ib., p. 106). O grupo vivia no campo, morando em “covas debaixo do chão, onde têm fogo de noite e de dia”, dormindo igualmente no chão (id., ib., p. 111).

Numa análise mais detalhada do texto, verificar-se-á que estes *Guaianases/Goianazes* de Soares de Sousa não poderiam ser de cultura tupi. Este cotejamento já havia sido feito no início do século por Borba, no seu estudo sobre os Kaingang

(1908:128-37). Assim podemos elencar os pontos da descrição de Sousa ([1587]1938:110-1), comparando-os com as populações que viviam no planalto, por ocasião da chegada dos jesuítas:

a. “*Não usavam entre si lavoura, vivem de caça que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá*” (p. 110). Os jesuítas afirmam a existência de lavoura entre os povos tupis do planalto, além da mandioca, “o principal alimento desta terra” (Anchieta, Carta de 1.9.1554, CPJ 2:112). Também era com “farinha e legumes” que os indígenas pagavam os serviços do irmão ferreiro (id., ib.). Este relato é importante, pois foi escrito em 1554, antes que os jesuítas tivessem interferido de maneira mais profunda na cultura indígena.

b. “*Não matam aos que cativam, mas aceitam-nos por seus escravos*” (id., ib., p. 110). Esta afirmação nega a existência do ritual antropofágico, prática usual entre os Tupi/Tupinikim,⁵ e muito combatida pelos jesuítas. Anchieta nesta carta de 1554 afirma explicitamente: “Estes, entre os quais trabalhamos, estão espalhados pelo interior (...), e todos comem carne humana” (id., ib.). Relata igualmente alguns rituais antropofágicos, sendo um deles dirigido por Tibiriçá (março de 1555, CPJ 2: 206-7; 1.6.1560, CAP, p. 162-3). Até mesmo alguns mamelucos que ali viviam, como os filhos de João Ramalho, participavam destas cerimônias (1.9.1554, CPJ 2:115).⁶

c. “*Não costumam estes gentios fazer guerra a seus contrários fora dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas, porque não sabem pelear entre o mato, se não no campo, aonde vivem*” (id., ib., p. 111). A prática dos indígenas do planalto era o oposto. Como diz Anchieta, “frequentemente percorrem mais de 300 milhas quando vão

(5) Quanto ao uso do etnônimo *Tupi*, ver nossa dissertação (Prezia, 1997:157-171).

(6) “Da guerra, a que me referi acima, tendo um destes cristãos trazido um cativo, entregou-o a um irmão deles para o matar. E matou-o de facto com a maior crueldade, tingindo as próprias pernas de vermelho e tomando o nome de quem matara em sinal de honra, como é costume dos gentios; e se o não comeu, deu-o ao menos a comer aos índios, exortando-os a que não deixassem perder quem ele matara, mas o assassem e levassem para comer” (CPJ 2:115).

(4) Apesar de a edição de 1938 trazer grafado *Guayanazes*, seguiremos neste etnônimo a grafia da edição de 1851, por ser uma edição mais confiável, pois revista pelo próprio Varnhagen.

à guerra. E se cativam quatro ou cinco dos inimigos, sem cuidarem de mais nada, regressam para com grandes vazearias e festas e copiosíssimos vinhos, que fabricam com raízes, os comerem” (1.9.1554, CPJ 2:113).

d. “*Não vivem estes gentios em aldeias com casas arrumadas, como os Tamoyos seus vizinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão, onde tem fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam*” (id., p. 111). Os jesuítas atestam que os indígenas com os quais trabalham “habitam casas de madeira e barro, cobertas de palha ou cascas de árvores” (Anchieta, CPJ 2:113). Mais adiante este missionário acrescenta: “(...) cada Aldeia consta só de seis ou sete casas, nas quais, se não fosse o laço e a união do sangue, não podiam permanecer juntos mas comer-se-iam uns aos outros” (id., ib., p. 114). Quanto à maneira de dormir dos povos tupis, com os quais os jesuítas viveram, o relato de Cardim é significativo: “Todo gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficão nellas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como no ar, e não tem outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo” (1978:105).

e. “*A linguagem d’este gentio é diferente da de seus visinhos, mas entendem-se com os Carijós*” (id., ib., p.111). Aqui há uma contradição, se entendermos os Tamoio como seus vizinhos, como afirma explicitamente acima. E se os Tamoio e os Carijó se entendiam, pois falavam a mesma língua, apenas com variantes dialetais (Cardim, [1625] 1978:121-3), os Guaianá deveriam também entender a língua dos Tamoio.

Assim a descrição deixada por Sousa sobre os *Guaianá*, refere-se muito mais a um *povo caçador* e de hábitos próprios de povos de língua do tronco *macro-jê*, do que a um povo de cultura tupi.

O dormir no chão, sobre pele de animais e o morar em covas vão ser características dos *Guaianá do Sul*. Talvez Sousa tivesse mesclado informações de grupos diferentes, mas com denominações semelhantes.

4. Os Guaianá nos relatos dos cronistas

Será importante analisar os autores que conheceram de perto esses *Guaianá* – que poderíamos

chamar de *Guainá do Sudeste* –, como Knivet, Thevet, Léry e Staden. Um dado curioso é que nenhum cronista ou missionário português, com exceção de Soares de Sousa, tratou com detalhes deste povo. Isto mostra que deveria ser um grupo que mantinha pouco contato com os moradores de Piratininga e São Vicente, áreas de domínio português, ou que viveriam mais próximos do Rio de Janeiro, onde estiveram aqueles cronistas.

Um autor, não devidamente considerado pelos estudiosos desta questão, foi Anthony Knivet. Embora seu texto não tenha as qualidades históricas de Soares de Sousa, como observa Abreu ([1917]1963: 245), sua convivência com vários grupos, inclusive com os próprios Guaianá, valoriza seu relato. Este descaso que recebeu da “crítica esclarecida”, como diz Sampaio, precisaria ser reavaliado ([c. 1903]1978: 341).

Em decorrência do tráfico de escravos, estimulado e realizado pelo governador Correia de Sá, Knivet teve um contato regular com os *Wyanases* (Guaianases) que viviam nas proximidades da Ilha Grande, perto de Angra dos Reis, e que “por facas e machadinhas, vendiam suas mulheres e filhos” ([1625]1947: 46). Conheceu também outros grupos da serra do Mar, como o da aldeia de Juqueriquerê, não longe da ilha de São Sebastião. Foi com indígenas desta aldeia que partiu para o sertão de Minas, com Martinho de Sá, filho do governador, em busca de escravos Tamoio (id., ib., p. 61-3). Quando os portugueses necessitavam de escravos, era à Ilha Grande que se dirigiam, onde encontravam cativos “tão barato quanto se queira” (id., ib., p. 135).

Deles deixou-nos detalhada descrição:

“*Esses canibais são de pequena estatura, muito barrigudos, de pés chatos, e não muito escuros de pele. São bastante covardes. Não tatuam seus corpos, nem se vangloriam muito de comer carne humana, como os tamoios, to-mominós, e outros antropófagos o fazem. As mulheres são grandes de corpo e medonhas, mas de aparência saudável. Neste país pintam elas seu corpo e faces com uma coisa chamada da sua língua urucú, que cresce em vagem redonda, qual favas, e dá uma tinta vermelho-ocre, que as torna mais horrendas. O cabelo, tanto os homens como mulheres, usam-no crescido dos lados e raspam-no ao alto da cabeça, como frades franciscanos. Estes selvagens deitam-se em redes feitas de*

casca de árvores e quando viajam através do sertão, carregam as suas provisões também em pequenas redes às costas; nunca lhes falta o tabaco, estimam-no mais do que qualquer outra coisa que possuem no país e com ele curam suas feridas e machucaduras" (id., ib., p. 134).

O que chama a atenção neste relato, é o uso que fazem de redes para dormir – hábito estranho aos povos de língua do tronco macro-jê, mas presente entre os Puri e Coroado (Wied-Neuwied, [1820]1989:110) –, o caráter pacífico, uma antropofagia eventual e o fato de serem baixos e barrigudos. A colaboração estreita com os portugueses, com os quais comercializavam, remete a uma observação de Vasconcelos, que dizia que estes indígenas se “contam entre os mansos [e] são dos mais tratáveis” (CCJ 1:110).

Thevet é a outra importante fonte de informação. No manuscrito de 1592, ainda pouco estudado, descreve os vários grupos indígenas que viviam próximos ao Rio de Janeiro, e afirma que entre estes há os *Ocauan*, formado por pessoas que “parlent tout autrement [à ceux de langue toupî]” (MBP I:122). Comercializavam com seus vizinhos, os Guaitaká e Tupinikim, sobretudo arcós, “a raison qu’ils demeurent ès [en] bois et montagnes” (id., ib., p. 123).

E continua este autor:

“Ils labourent la terre pour faire des navaux du mil, et autres petites choses, lors qu’ils ne font point de maniac (...). Ils ont des loges fort longues, et non rondes (...). Elles sont couvertes d’escorce de bois, et non d’herbe; (...) leurs lits sont faits de fin cotton, comme sont des reizeaux, de quoy lon prend les poisson par deça, qu’on nomme mortugabes” (id., ib., p. 123).

Não eram valentes como os Guaitaká, não tendo as artimanhas da guerra:

“La plus parte du temps ils errent, et vagabonden parmy les montagnes, ne vivent que de bestes sauvages, de poisson d’eau douce, avec des navaux, et mil qu’ils font d’aucune fois: mais le moins souvent qu’ils prennent de peur d’estre appercues de leurs ennemis. Ils ne sont point de belle forme, comme les autres, mais sont gros courtaux, camus. Leurs femmes se tondent les cheveux

comme les hommes. Ils ont tout autre manière de danser, et chanter, que les autres. A toutes heures ils usent de petun, et est la chose qu’ils aiment le plus, soit en compagnie, soit à leurs maisons, ou ailleurs. (...) Quand ils mangent de quelques bonne chair ou poisson, les uns s’en frottent le corps, presumants que ce leur soit bonne médecine, sont grands avalleurs de caoüyn plus que d’autre chose, et duquel ils s’enyvrent tres bien, et chantent toujours en beuvant. Ils ont quelques cordes, desquelles ils se servent tant pour soutenir leurs lits, que pour lier leurs prisonniers, qu’ils font d’escorces d’arbres, et de cotton, qui se fait comme chanvre, que les femmes fillent sans fuseau, sur leurs cuisses. (...) [Ils ont des] petits coffins à porter leurs petites besognes, qu’ils nomment Caramenoo, et d’autres propres pour mettre leurs arcs, et leurs flésches, qui sont mal faits: mais ils tiennent qu’ils en sont d’autant plus dangereux. C’est un plaisir de les voir mutiner les uns contre les autres” (id., ib., p. 123-4).

É de se notar neste texto algumas particularidades, como uso da rede de dormir, cujo nome na língua foi conservado – *mortugabe*; o uso de casas compridas e não redondas, cobertas de casca de árvores e a perambulação.

Mesmo que esses *Ocauan* não sejam os mesmos *Ouèanen/Oneanan* de Léry, as semelhanças são tantas que há de se admitir que pelos menos seriam subgrupos da mesma etnia, como já sugeriu Métraux (MBP I:120). Porém acreditamos que tenha havido aqui um erro do copista ou da tipografia, devendo o etnônimo ser *Oéanan*, como assinalamos atrás.

O próprio Knivet encontrou semelhança entre esses *Guaianá* da serra do Mar e os *Puri* do sudeste de Minas, como relatou:

“Os selvagens chamados Pories [Puri] habitam pelo menos a umas cem milhas para o interior da terra; são bastante parecidos com os Wainasses [Guaianases]: homens de baixa estatura, alimentam-se apenas de pinhões e pequenos cocos do tamanho de maçãs, mas que têm cascas como nozes, e um pouco mais duros; os índios chamam-nos airiris. Possuem estes nativos uma bela tez; gostam muito de roupas, se conseguem apañhar algumas; as mulheres aparecem pinta-

das com diversas côres, como vermelho, azul e amarelo; estão em paz com os portugueses, não guerreiam com nenhuma nação e nem comem carne humana, desde que tenham qualquer outra carne; deitam-se em pequenas redes feitas de cascas de árvores; não possuem casa alguma, mas apenas dois ou três ramos amarrados juntos, cobertos com folhas de palmeira, quando chove (...); aqui podem-se obter destes selvagens por uma faca ou um pente, cinco ou seis galões de óleo de bálsamo” (id., ib., p. 137).

É de se destacar neste texto o uso da rede de casca de árvore, a coleta de pinhão e do coco airiri, o caráter pacífico do grupo e uma antropofagia eventual.

Um terceiro autor que merece ser analisado é Jean de Léry, cuja referência aos Guaianá passou despercebida de vários pesquisadores. Trata-se de um encontro do missionário francês com “deux de nos Sauvages Toupinenquins & d’un autre de la nation nommee Ouëanen (qui leur est allié) lequel avec sa femme estât venu visiter ses amis s’en retournoit en son pays (1578:288).

Convidado, que foi por esses Tupinikim, o missionário francês os acompanhou e ao passar por um bosque, enlevado pela beleza das árvores e pelo canto dos pássaros, pôs-se a cantar o salmo 104:

“Os três selvagens e a mulher, que vinham atrás de mim tiveram tamanho prazer na música de minhas palavras, pois o sentido não entendiam, que ao terminar eu o cântico, o Oneanan (sic)⁷ todo comovido e embevecido exclamou: Na verdade cantaste maravilhosamente bem e fiquei muito contente em ouvir o teu canto que me recorda o de uma nação aliada, nossa vizinha. Mas nós não entendemos a tua língua, por isso explica-nos o teu canto” (1972: 170).

Tentando seguramente se fazer entender em tupi, Léry falou de Deus e como aquele salmo havia sido composto há cerca de “10.000 luas atrás, por um grande profeta”. E comentando o episódio, acrescenta:

(7) A tradução de Milliet traz o etnônimo grafado desta forma, diversamente do que está no original, *Ouëanen* (1578:288).

“Lembro mais uma vez que os selvagens não costumam interromper os discursos de ninguém; por isso me ouviram atentamente pelo espaço de meia hora proferindo apenas de quando em quando sua habitual interjeição: Teh. E afinal disseram-me:

– Como vós os mairs sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres miseráveis!

E para agradar-me, deram-me um pequeno aguti [cotia] que traziam, dizendo: “Toma lá, já que cantas tão bem” (id., ib.).

O que chama a atenção neste episódio, é o bom relacionamento entre Tupinikim e Guaianã/Guaianá, e o uso da língua tupi por parte destes indígenas, que entendiam e falavam este idioma. Isto mostra uma tupinização deste povo, que deve ter ocorrido seguramente devido aos intercâmbios comerciais e talvez aos casamentos interétnicos, como foi notado por Anchieta (CAB, p. 448).

O bom entrosamento deste Guaianá, que foi comercializar com sua esposa na terra dos Tupinambá, onde deveriam existir mercadorias européias, mostra que este intercâmbio deveria haver pelo menos com alguns grupos.

Quanto ao etnônimo *Ouëanen*, Ayrosa que trabalhou os vocábulos tupis desta obra, acredita que poderia se referir à nação *Nonhã* ou *Nhonhã*, que vivia no sertão de Minas (In: Léry 1972: 170, nota 516). É estranho que tenha ido buscar um grupo tão distante, quando o *Colóquio* de Léry, que está no final do livro, assinala a existência dos *Ouëanen/Oneanen* juntamente com os *Ouétaca* (Guaitaká), *Margaiat* (Marakajá), *Caraia* (Karajá), todos vivendo próximos ao Rio de Janeiro (Léry 1578: 355).

Assim parece ser o mesmo grupo os *Ouëanen/Oneanen* do *Colóquio* e o *Onëanen* do texto citado.

Um outro autor que se refere aos Guaianá é Hans Staden. Na sua obra traz uma descrição de um grupo que chama de *Wayganna* e que, pela localização geográfica, poderiam ser os Guaianá aqui analisados.

A descrição sobre a belicosidade e a violência deste grupo não condiz com os demais relatos sobre os Guaianá, e como diz Sampaio, estas foram seguramente informações passadas pelos Tupinambá, que talvez tivessem exagerado a violência desta nação. Ou poderiam ser também característi-

cas de um outro grupo jê da região, como os Kayapó Meredionais ou o insólito grupo Karajá:

“Na serra vive uma raça de índios, que se chamam Guaianás.⁸ Não têm domicílio fixo, como os outros selvícolas que habitam defronte ou atrás dos montes, e fazem guerra contra todas as outras tribus. Quando indivíduos de tribus estranhas entram em seus domínios, comem-nos. O mesmo fazem os outros com eles. Vão atrás de caça nas montanhas, atiram-na, ágeis, com o arco e empregam com destreza outros petrechos, como laços e armadilhas, com que a apanham. Existe também na serra muito mel silvestre, que comem. Os índios conhecem geralmente o grito dos animais e o canto dos pássaros e valem-se disto para assim melhor espreitá-los e atirá-los. Acendem o fogo com dois pedaços de pau, como também os outros selvagens. A carne que comem, assam-na em geral. Perambulam com as mulheres e prole.(...) Deixam crescer os cabelos e as unhas. Como outros gentios, têm as matracas chamadas maracás, que consideram deuses. Organizam também festas e danças. Cortam com dentes de animais selvagens e racham com cunhas de pedra, como as tinham outras tribus antes que tivessem comércio de permuta com os navios.” ([1557] 1988:153-4).

Nas guerras, suas práticas chocaram o narrador alemão:

“Quando acampam nas proximidades de terreno inimigo, levantam em torno de seus ranchos um trançado compacto de galhos que lhes serve também de abrigo contra o jaguar, de sorte que não se pode surpreendê-los sem mais nem menos. Fincam também no solo espinhos pontudos, chamados maracaibá, em volta de suas palhoças – como aqui se põem armadilhas de pé. Isto fazem por medo dos seus inimigos. Alimentam uma fogueira durante toda a noite. Quando rompe o dia, extinguem-na, a fim de que não se aviste a fumaça e não se lhes siga o rastro. (...) Marcham freqüentemente contra seus adversários. Quando querem capturá-los, postam-se atrás de galhos secos na vizinhança das choças inimigas. No momen-

to em que vêm para buscar lenha, procuram apanhá-los. Tratam com mais ferocidade os seus inimigos do que estes os tratam e cortam-lhes muitas vezes, com sanha furiosa as pernas e os braços do corpo em vida. Os outros, porém, matam primeiro o inimigo, antes de esartejá-lo e comê-lo” (id.,ib., p. 154).

Esta descrição confirma alguns traços culturais dos Guaianá dos outros relatos, como o morar na montanha, o cabelo longo, a destreza no manejo do arco e o uso do mel, mas contrasta com outras características acima citadas, a precariedade da moradia, a antropofagia e sobretudo a morte dos prisioneiros de guerra. O hábito de se defenderem, colocando pequenas estacas ponteagudas no chão, foi observado mais tarde entre os Botocudos (Wied-Neuwied, [1820] 1989:312).

A partir destes relatos, podemos concluir, que os *Wyaanasses* de Knivet, deveriam ser os mesmos *Ouëanen/Ouëanen* de Léry e os *Ocauan* de Thevet. Apenas os *Wayganna/Guaianã* de Staden poderiam pertencer a um outro grupo.

De forma concisa pode-se traçar o perfil deste povo: eram andarilhos, vagando pelas montanhas, vivendo de frutas silvestres que o mato dá, de caça e peixe. Alguns já haviam se sedentarizado, possuindo aldeias e comercializando com os franceses e portugueses. Tinham algumas roças de milho, que usavam para fazer *cauim*, bebida fermentada e que muito apreciavam e que levava à embriaguês. Fumavam a folha de tabaco, seja em companhia de outros, seja na própria casa, e o utilizavam também para curar ferimentos.

De pequena estatura, eram barrigudos e tinham os pés pequenos. Suas mulheres eram gordas e possuíam o hábito de pintar o rosto e o corpo com urucum. Não tatuavam o corpo. Tanto os homens como as mulheres possuíam o cabelo longo, raspando o alto da cabeça, como a coroa, semelhante à tonsura dos franciscanos.

Nos combates não se destacavam pela valentia. Não comiam carne humana de forma habitual e não matavam os cativos, mas transformavam-nos em escravos, que eram trocados por produtos portugueses. Muitas vezes permutavam suas mulheres e filhos por facas e machadinhas. Comercializavam seus arcos com grupos vizinhos.⁹

(8) No original alemão o autor grafa Waiyanna (ver mapa, 1988: 202).

(9) Em 1814, Freireyss ficou surpreso com a qualidade dos arcos dos Puri e dizia que “o arco de um Puri, nenhum Coroado pode armar” (RIHGSP 1900, 6: 250).

Construíam casas simples, compridas e cobertas de folha de palmeira ou de casca de árvores. Dormiam em redes feitas de casca de árvore ou de fios de algodão, fiados pelas mulheres. Fabricavam cordas, com as quais amarravam os prisioneiros, assim como cestos nos quais levavam os utensílios e flechas. Cantavam e dançavam de maneira diferente dos Tupinambá.

Algumas destas características os fazem aproximar de outros grupos que lhes deviam ser aparentados, como os Maromomi, que eram “gente muito boa e amigável [e que] não come gente” (Viegas 1585. In: HCJB 9: 385) e que possuíam “bom trato com os portugueses [e] não curam de criações porque vivem pela flecha da caça do mato” (Anchieta TH, p.142).

O cabelo longo, com uma coroa de frade, foi característica dos Coroado de Minas assim como a rede de casca de árvore e a ausência de tatuagem (Métraux. In: MBP I: 119-20).

Esta semelhança cultural apontada por Métraux, foi também indicada alguns anos antes por Abreu, quando questionou de modo contundente os adeptos da tese dos Guaianá-Tupi ([1917]1963: 247-248). Para corroborar este ponto de vista, sugerimos o cotejamento dos traços culturais dos indígenas do sudeste de Minas, a partir de relatos dos viajantes do século passado, como Freireyss,¹⁰

(10) Da descrição que nos deixou, pode-se resumir que os Coroado, Puri e Coropó se assemelhavam, sendo de baixa estatura, cabelos soltos e emaranhados. Viviam de caça e coleta, sobretudo do fruto da sapucaia, cultivando roças de milho, com o qual faziam uma bebida fermentada. Moravam em cabanas toscas, em forma de barraca, coberta de palha e dormiam em rede. Os Coroado eram muito guerreiros e temidos pelos Puri, com os quais viviam em constantes confrontos. Eram extremamente ágeis no mato e “como um veado o índio desliza pela mata mais espessa e effectua marchas de 15 a 20 horas seguidas”. Eram fleugmáticos, parecendo “não conhecer a alegria nem a dor (...) e permaneciam sempre impassíveis nas suas redes” (RIHGSP 1900-1, 6: 239-52).

(11) “Os índios [Puri] são baixos ou de estatura mediana; (...) todos têm corpos robustos, largos e atarracados. (...) O pé, estreito no calcanhar, é muito largo na frente, e o dedo grande aparta-se dos outros ([1823]1981: 230). Quanto à bebida, é apaixonado da sua vinhaça ou da cachaça, quando a pode obter. Taciturno, dócil no serviço dos brancos, tenazmente perseverante no trabalho obrigatório, não se encolerizando com modo algum pelo qual o tratam, porém suscetível de rancor demorado, o índio, como costumam dizer os colonos, nasceu para ser mandado. Não é dado ao furto nem a fraudes. (...) Nada loquaz, dorme também du-

Spix & Martius¹¹ e Wied-Neuwied,¹² onde se notam várias semelhanças.

Torna-se agora mais compreensível a descrição dos *Guaianá/Guaianã*, deixada por Sousa:

“Não são os Goaianazes maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e facilimos de crer em qualquer cousa. É gente de pouco trabalho, muito mollar, não usam entre si lavoura, vivem de caça, que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá; são grandes flexeiros e inimigos de carne humana. Não matam aos que cativam, mas aceitam-nos por seus escravos; se encontram com gente branca, não fazem nenhum dano, antes boa companhia, e quem acerta de ter um escravo Goianá não espera d’elle nenhum serviço, porque é gente folgasã de natureza e não sabe trabalhar. Não costuma este gentio fazer guerra a seus contrários, fóra de seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas, porque não sabem pelejar no mato, se não no campo onde vivem, e se defendem com seus arcos e flechas dos Tamoyos, quando lhes vem fazer guerra, com quem pelejam no campo mui valentemen-

rante uma parte do dia: fora das caçadas, gosta de brincar com seus animais domésticos, ou fica sem nada pensar com o olhar fixo, como em sonho, às vezes espantado por fantasmas imaginários (p. 231-2).

(12) Os Puri de São Fidélis, que viviam ao norte do Rio de Janeiro, “eram todos baixos (...) em geral, homens como mulheres, eram robustos e de membros musculosos. (...) Alguns traziam na testa e nas faces, manchas vermelhas e redondas pintadas com urucum; no peito e nos braços, ao contrário, usavam listas azuis, feitas com o suco do fruto chamado jenipapo. São essas as duas cores empregadas por todos os *tappuias*” ([1820] 1989: 107). Quanto à habitação afirma: “São, não há dúvida, as mais primitivas do mundo. A rede de dormir, tecida de *embira*, fica suspensa entre dois troncos de árvores, aos quais, em cima está amarrada transversalmente, com cipó, uma viga, contra a qual dispõem obliquamente, do lado do vento, grandes palmas, forradas em baixo com folhas de *Heliconia* ou de patioba e, quando perto das plantações, de bananeiras” (id., ib., p. 110). Fabricavam cestos grandes, “feitos de folhas verdes de palmeira entrelaçadas; embaixo, na parte que se aplica às costas, têm um fundo trançado, e, dos lados, uma borda alta feita da mesma maneira, sendo geralmente abertos em cima. Carregam-nos, do mesmo modo que as crianças, aplicando-os às costas por meio de uma faixa passando pela testa, e algumas vezes por meio de uma tira passando pelos ombros”. Afirmavam que “por vingança devoravam carne humana” (id., ib., p. 111-2).

te e ás flexadas, as quaes sabem empregar tão bem como os seus contrários. Não vive este gentio em aldêas com casa arrumadas, como os Tamoyos seus vizinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão, onde têm fogo de noite e dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam. A linguagem deste gentio é muito diferente da de seus visinhos, mas entendem-se com os Carijós; são na cor e proporção do corpo, como os Tamoyos, e têm muitas gentilidades, como o mais gentio da costa” ([1587] 1938: 110-1).

Pelo que ficou exposto nos textos dos outros cronistas, a primeira parte desta descrição confirma a semelhança dos traços culturais desses indígenas com os *Guaianá* dos relatos anteriores: simples, crédulos, não usando lavoura, grandes flecheiros, inimigos de carne humana, não fazendo guerra a seus contrários, pacíficos e acolhendo bem aos portugueses.

Quanto a ser gente de “nenhum serviço, por ser folgasã”, é possível que se referisse a este grupo, já que povos coletores são avessos à agricultura e portanto pouco afeitos a um trabalho sistemático (Mabilde [1833]1983:90).

Os traços culturais retratados na segunda parte do texto, como “viver no campo, morar em casas feitas em covas, debaixo do chão, dormir sobre ramos ou sobre peles de animais, sendo na proporção do corpo como os Tamoyos”, seriam de um outro grupo *Guaianá*, que viveria no Sul, como se verá mais à frente.

Quanto às casas subterrâneas, recentes escavações arqueológicas têm confirmado sua existência em regiões mais ao sul, nos atuais estados do Paraná e Santa Catarina, em sítios de diversas tradições culturais como Taquara (Mentz Ribeiro) e Cantu (Chmyz, 1981:91. In: Veiga, 1994:22).

Ainda hoje essas covas são chamadas pela população regional de *fojes* (Veiga, id.,ib., p. 23) ou “fojos dos bugres” (Rohr 1971:14. In: Veiga, id., ib.) e se encontram em área de ocupação tradicional kaingang.

5. O idioma

Como já foi assinalado, muito se escreveu sobre o idioma dos Guaianá. Alguns, como Freitas, sustentaram que “pelas afinidades glotticas demonstradas, parece-nos perfeitamente admissível

supôrmos serem os Guayanás, Guayanis e não Tapuias, como se pretende, e serem Guayanis os povos que, emigrados dos Andes, se espalharam por todo o oriente” (1910:18). Deste forma este autor criou mais uma etnia tronco, que chamou de *Guayani*.

Para corroborar sua tese, chegou a escrever: “em Piratininga, pois, estudou Anchieta então ainda irmão leigo, o idioma dos Guayanás que lhe deveria servir de vehiculo á catechese dos conterraneos de Tebiriçá do proprio chefe piratinguara: ora, esse idioma, o unico aborigene fallado e escripto pelo thaumaturgo da America e do qual compoz elle um trabalho intitulado – *Grammatica da lingua guayani* – outra não era sinão o proprio *guayani*” (RIHGSP 1914, 19:127. Grifo nosso).

Devido a afirmações como estas,¹³ que permearam os textos de muitos defensores da chamada *tradição paulista*, a tese se mostrou pouco consistente, embora tenha permanecido até hoje junto a vários autores e junto ao grande público, como se viu anteriormente.

Entretanto, o maior argumento para refutar esta corrente *guaianá-tupi* é uma carta de Viegas, missionário jesuíta que conviveu com os Maromomi, onde diz textualmente:

“Agora com a vinda e chegada do P. Visitador, se há-de abrir agora aqui em S. Vicente uma porta nova a um gentio que se chama Moromemim e com esses moromemins se ajunta outra gente que se chama goianã; e com estes goianazes se ajunta outra gente que se chama Carajo;”¹⁴ e com estes corojos se ajunta outra gente que se chama ibirba qui yara. E toda esta gente tem uma lingua de que eu já sei muito. (...) Está esta gente [Maromemin] muito perto aqui de S. Vicente, e já algumas suas filhas e filhos estão com os brancos são já cristãos, e se confessam já pela língua desses nossos índios, que se chamam tupim (id., ib. Grifo nosso).

As dúvidas que pairaram quanto a este ponto, além do texto de Sousa, devem-se também ao relato

(13) Quanto a este estudo de Freitas, ver a severa avaliação de Baldus (1954: 252).

(14) Viotti afirma que Leite se equivocou ao transcrever *Carajo*, devendo a grafia correta ser *Carajá* (In: CAP, p. 389, nota 9), etnônimo que ocorre em vários cronistas como Staden ([1557]1900: 124,168), Léry (1578: 354-5) e Cardim ([1625]1978: 126), e que parece ser distinto dos atuais Karajá do Araguaia.

de Knivet, onde aparecem alguns termos tupis, como o nome do cacique *Iawarapipo*, ou de aldeias como *Iaquerequerê* e *Pianitá*.¹⁵

Poderiam ser levantadas três hipóteses: ou eram nomes dados por falantes tupis, como os indígenas Tupinambá ou Tupinikim e mesmo mameucos do Rio de Janeiro que ali traficavam escravos; ou haveria grupos *Guaianá tupinizados*, como ocorrera com algumas etnias do Paraguai que foram guaranizadas (Métraux 1928: 281, Susnik 1975: 85); ou houve confusão por parte de Knivet, atribuindo nomes tupis a um povo não tupi, como aconteceu no caso de um grupo denominado *Puri*, mas com características tupis (1947: 46-7).

Este autor relata também um episódio que pode confirmar que os Guaianá não deviam ser falantes tupis.

Por exigência do filho do governador, o aventureiro inglês teve que partir para a região além Paraíba, em busca de escravos. Estando naquele rio, cruzaram com outra embarcação que levava indígenas da nação *Morusoey*. Para se fazerem entender e realizar trocas de mercadorias, utilizaram um intérprete indígena deste grupo, que havia sido vendido pelos *Guaianá* aos portugueses e que estava na mesma embarcação do inglês (1947: 59-60). E o autor observa que este *Morusoey* falava a língua dos Tamoio, que ele “entendia muito bem” e com a qual se comunicavam (id., ib., p. 60). Portanto, se a língua dos Guaianá fosse a mesma que a dos Tamoio, o cronista não teria chamado a atenção para este fato ou teria dito que o escravo falava a “língua dos Guaianá, que é a mesma dos Tamoio, que ele entendia muito bem”. Mas isto não ocorreu.

Thevet é mais explícito, quando no seu texto afirma que

“les Ocauan [Guaianã/Guaianá] parlent tout autrement [que les Toupinambaux, Toupinenquin, Temenynon, Touajat et Carios], jaçoit qu'ils s'entendent quelque peu les uns les autres, ainsy que l'experience me l'appris, et la frequentations, que j'ay eue avec l'une, et l'autre nation qui avoient apprins le langage des Toupinenquin, auquel tant les

(15) Sampaio sugere *Jaguarapipo*, e contesta a tradução dada por Knivet — “é esse o cão?” propondo como tradução “onça em pé”. Para os outros topônimos propõe: *Juquiriquerê* (planta dorminhoca, ou sensitiva) e *Piauitá* (“Pedra dos pias”) (1978: 364).

Oueïtaca [Guaitaká], que les Ocauan me disoient plusieurs choses concernant leur traficq par ensemble” (MBP I:122).

Isto mostra que além do Guaitaká e Guaianã/Guaianá terem idiomas diversos do tupi, aprendiam essa língua, que se tornara uma espécie de *língua franca* para o comércio. Ademais, um pouco mais à frente, este mesmo texto traz dois vocábulos em língua nativa: *mortugabes* (= “rede de dormir”) e *caramenoo* (= “cesto, caixa”), além da palavra tupi *caoiÿn* (*cauim*), que designaria a bebida indígena fermentada (id., ib., p. 123-4). O que chama a atenção, não é tanto o *cauim*, que pode ter entrado nesse idioma como empréstimo lexical, como ocorreu no português do Brasil, mas sobretudo os dois primeiros vocábulos *mortugabes* e *caramenoo*. Este último é igualmente tupi, tendo sido registrado no *Colóquio* de Léry (1578:359) e no VLB (1:63), sendo igualmente um empréstimo lexical.

Entretanto, o primeiro vocábulo parece não ser tupi. Não foi possível indentificá-lo em vocabulários afins, como o da *língua puri* (Torrezão 1889, Martius 1863), como ocorreu com alguns vocábulos maromomis identificados em nossa pesquisa e que se aproximavam de palavras puris.¹⁶ Talvez os *Guaianá* não estivessem, sob o ponto de vista lingüístico, tão próximos dos Puri quanto os Maromomi.¹⁷ Convém observar que os vocabulários por nós consultados apresentam uma certa limitação. Mas não deixa de ser significativa a existência da rede, não só entre este grupo, como entre os Puri, o que contradiz a descrição feita por Sousa ([1587]1938: 111). Ao passo que os *Guaianá do Sul*, que não dormiam em rede, não irão registrar este vocábulo, estando ausente no vocabulário do *Guaianá de Itapeva* (Saint-Hilaire [1851]1976: 226-7) e nos vocabulários dos atuais Kaingang, que seriam seus prováveis descendentes (Tempski 1986).

Quanto à tupinização da região onde viviam estes povos não tupis, é possível que isto tenha ocorrido já no século XVI com a difusão do tupi e da *língua geral* falada pelos colonos (Staden [1557] 1988: 74, Vasconcelos CCG 1:121), pois o próprio Anchieta se refere a uma *toponímia não tupi*, que não se conservou (CAB, p. 302).

(16) Ver o comentários sobre estes vocábulos em nosso trabalho já citado (Prezia, 1997:176-7).

(17) Martius traz para rede (*lectus pensilis*) o vocábulo puri *pita* (1863:194), bem distinto de *mortugabe* aqui citado.

A presença portuguesa, cada vez mais acentuada, deve ter pressionado a cultura deste povo, impondo inclusive nomes cristãos a alguns dos Guaianá citados por Knivet, como o de um dos líderes da aldeia de Juqueriquerê, identificado como Alécio.¹⁸

Com esta limitação de vocábulos, fica no momento difícil classificar o idioma, exceto quanto à hipótese de que faria parte de uma suposta *família lingüística puri* (Urban 1992: 91).

6. Área de ocupação

A partir das fontes aqui citadas, é possível identificar uma provável região ocupada pelos *Guaianá do Sudeste*, no século XVI.

Ao se referir aos inimigos dos Tupinambá, Staden diz que “do lado da terra a dentro seus inimigos são chamados Karaya [Karajá]. Depois vem os Wayganna [Guaianá], que moram na serra, perto deles há mais uma raça que se chama Markaya [Marakajá], que habita entre eles ” (1900: 124). No mapa que elaborou, os Karajá são localizados na região da serra da Mantiqueira e os Wayganna/Guaianá mais distantes, onde hoje seria o Paraná (id., ib., p. 168).

Knivet, por sua vez, diz que alguns grupos viviam no litoral, perto da Ilha Grande e ilha de São Sebastião e outros, na mata, na serra do Mar ([1625]1947: 46; 57; 61-63).

Como estavam próximos ao litoral, é possível que Sousa, ao receber esta informação, passe a localizá-los no litoral de São Vicente, entre os Tamio e os Carijó ([1587]1938: 110).

Pelas referências dos cronistas, parece que viviam afastados dos núcleos portugueses. A expressão usada por Anchieta, quando afirma que Cay Obiy deixou sua mulher e se casou “com outra, que era *Guayamã* das do mato” (CAB, p. 448), indica provavelmente o habitat deste grupo, e reflete seguramente o etnocentrismo português, que classifica como “do mato” os que não viviam em aldeias, mais próximos aos padrões culturais europeus. Os Guarani possuíam também este etnocentrismo, como anota Montoya, ao registrar no seu vocabulário a expressão *anâmi*, traduzindo-a por “salvaje”, indígenas arredios (1639:33 v).

Parece que não procede a conclusão a que chega Sampaio ao dizer que “da expressão – *Guayanã das do mato* – se infere em boa lógica que havia também em Piratininga o *Guayanã do campo*” (RMP 1897, 2: 121). As fontes documentais quinhentistas não o confirmam.

São relativamente poucas as referências aos Guaianã na documentação paulista, o que sugere a ausência deste grupo no planalto. Numa ata da Câmara de São Paulo, de 1583, o procurador do Conselho proíbe a população de ir “as aldeas dos guaanazes por rezão de alguns dezaguizados que la fazem por homde podem matall alguma pa. que venha perda a tera” (ACSP 1: 210). O final do texto é obscuro, ficando a dúvida se se refere à perda que teria a terra com possíveis mortes de paulistas ou a possibilidade de as pessoas se perderem naquelas regiões, com risco de morte.

Quatro anos depois, constata-se que a escravização deste grupo ocorria de forma sistemática, pois os homens da Câmara afirmam “aver aqui muito gentio guaiana e asi a mor parte do gentio de sertão falar mal e estar alebantado” (20.9.87, id., ib., p. 329). Este *falar mal* indicaria o uso de uma língua não compreensível, distinta do tupi. Em 1593 a Câmara volta a se referir a esses indígenas da serra. Os camaristas pedem aos moradores de São Paulo

“q se não fose a tera dos guaramimis e goianazes por aver p^a iso muitas rezõis e por se não alevantarem com os do sertão (...) e a mais vozes asentarão q^a se não fose ne resguatase antre elles em suas teras visto elles terem pouquo q dar (15.8.1593, id., ib., p. 469).

Vê-se por aí que eram grupos que tinham poucos objetos para troca e que a escravização não deveria ser o objetivo destas expedições, para se evitar levante de grupos do interior.

Identificando estes grupos como pertencentes a uma mesma família cultural, Abreu propõe uma extensa área de ocupação:

“a imagem provável dos Gaianases-Guarulhos-Maramumis pré-cabralinos, é de vasto grupo distribuído pelo litoral, por uma e outra aba da cordilheira marítima e da Mantiqueira, estendendo-se para o Norte até o rio Jequitinhonha, talvez; as incursões de Tupinambás, Tupiniquins, Goitacases, Aimorés, produziram largos rombos sem destruir a trama. No baixo, como no alto Paraíba, sua pre-

(18) Franco imagina que este nome deveria ter sido Aleixo (In: Knivet 1947: 63).

sença persistiu até que a mestiçagem, as epidemias e perseguições e caçadas os dissolvessem" ([1917]1963: 247-8).

A existência de alguns topônimos não tupis na costa, como a *enseada dos Maramomis*, citada por Vasconcelos (VA 1:83) e o próprio testemunho de Anchieta (CAB, p. 302), revelam esta presença litorânea primitiva, que foi apagada pela chegada dos grupos tupis.

Com a expulsão dos Tamoio do litoral norte paulista, os Guaianá puderam voltar ao litoral, às regiões próximas a São Sebastião e Ilha Grande. A tradição conservou o trajeto deste caminho, como se lê num documento de 1633, quando Miguel Aires Maldonado pedia uma sesmaria, sendo que um dos limites era "um caminho antigo sobre a dita serra [do pico do Frade], que está na mesma cordilheira dela sobre o rio de Parati, por onde foi o capitão Martim de Sá para o sertão, com o seu arraial e por onde ordinariamente se serviam e servem o gentio guaianá para vir de suas terras para o dito rio de Parati" (ABN 57:274. In: Franco, *apud* Staden, 1988:125, nota 124).¹⁹

Assim não é totalmente errônea a localização litorânea dos Guaianá dada por Soares de Sousa, que escreveu um pouco antes de 1587, época em que os Tamoio já tinham sido expulsos da região, abrindo o caminho a outros grupos para a ocupação do litoral. A falha de Soares foi de tê-los situado na região vicentina na época de Martim Afonso, o que não é comprovado pela documentação da época.

Seria importante recorrer à arqueologia, para uma identificação mais segura da região ocupada por esta etnia, já que a presença de grupos Puri parece ter sido identificada na serra do Mar e no litoral do Rio de Janeiro, além do vale do Paraíba

7. Os Guaianá do sul

No século XVII esta presença Guaianá será bastante marcante em São Paulo. A pergunta que se coloca é se esses seriam os mesmos da serra do Mar ou seriam outros, vindos do Sul?

Devido à escravização sistemática contra populações indígenas que viviam no planalto e em regiões circunvizinhas, como os Tupi/Tupinikim, Maromomi/Guarulho e Guaianá, alguns destes grupos se rebelaram, como os Tupinikim do vale do Paraíba (ACSP 1: 404). Outros, como os Tupi de Piratininga, morreram vítimas de epidemias ou foram integrados pela mestiçagem²⁰ ou fugiram para o interior, como os Maromomi e os Guaianá (Monteiro 1994:55).

Isto fez com que os paulistas passassem a buscar mais longe a mão-de-obra escrava, como os Temiminó do Paranapanema e sobretudo os Guarani. Estes vieram inicialmente da região dos Patos, no atual litoral de Santa Catarina. Depois serão os Guarani das reduções do Guairá (oeste do Paraná) e do Itatim (Mato Grosso do Sul), tornando-se no século XVII a população escrava dominante (id., ib., p. 54; id. 1992: 490-3).

Quanto ao Guaianá, como o próprio Monteiro observa, eles desapareceram nos registros do início do século XVII, voltando somente a partir de 1640 (1994:55).

Embora este historiador deixe entender que estes *Guaianá* seriam os mesmos do século XVI (ib., p. 83), neste momento encontraremos também em São Paulo indígenas *Guaianá* trazidos do Sul (MCA 1:277, NP 3: 63-7), como se verá mais à frente. Mesmo que tenha havido expedições escravagistas na região da Mantiqueira, para onde teriam se refugiado os que agora chamaríamos de *Guaianá da Serra do Mar*, parecem não ser tão numerosos para apresentar a cifra que se conservou nos registros paulistas.

Num levantamento feito por Monteiro, que estudou exaustivamente a escravização indígena em São Paulo no século XVII, para 194 homens Guarani/Carijó havia 66 Guaianá (23.8%) e 17 Maromomi/Guarulho (6.1%). E para 242 mulheres Guarani/Carijó havia 59 mulheres Guaianá (18.3%) e 21 mulheres Maromomi/Guarulho (6.5%) (1994: 84). Como se vê, a presença masculina Guaianá é quatro vezes maior do que a presença de Maromomi/Guarulho, o mesmo ocorrendo com a presença feminina (três vezes maior), número

(19) A autenticidade deste documento está sendo contestada por alguns pesquisadores modernos, o que não invalida esta informação, que deve ter recuperado este dado de uma tradição oral, fato atualmente valorizado pelos historiadores.

(20) "Os moradores [de São Paulo] são pela maior parte Mamalucos e raros Portugueses; e mulheres [portuguesas] há só uma, a que chamam de Maria Castanha" (Monteiro, *Jác.*, 1610. In: HClB 8:395).

bastante alto, considerando que os *Guaianá da Serra do Mar* era um grupo coletor, como os Maromomi/Guarulho, e, portanto, de baixa densidade populacional. Assim, estes *Guaianá* do século XVII, encontrados em São Paulo, deveriam ser na sua maioria, provenientes do Sul.

Nossa hipótese irá se basear em três argumentos: os *Guaianá do Sul* já eram escravizados pelos paulistas desde 1628, como relata Montoya, em relação aos *Cabeludos*, outro nome dos *Guaianá* (MCA 1:277); uma grande transferência de *Guyanã/Guaianã*, feita por Fernão Dias na segunda metade do século XVII, da região de Apucarana, no atual Paraná, foi registrada por Leme (NP 3:63-7) e a existência do etnônimo *Guanhanã/Guaianã*, conservado até o início do século passado, em Itapeva, no sul do estado de São Paulo, para indígenas Kaingang, que pela cultura se identificaram com os *Guaianá/Guaianã* do Paraná (Saint-Hilaire, [1851]1976: 227).

Por isso, dos vários grupos do Sul que receberam o nome de Guaianá nos últimos três séculos, apenas dois deles serão aqui analisados, ou porque explicitamente as crônicas afirmam que foram levados para São Paulo, como os *Guaianã de Apucarana* ou que, pela proximidade da região, deveriam ter sido alvos da escravização paulista, como foram os grupos do Paraná.

7.1 Os Guaianá de Apucarana

Ao escrever o histórico de Fernão Dias Paes, Leme relata o episódio em que este sertanista esteve no “sertão do sul até o centro da serra da Apucarana, no reino dos índios da nação Guyanã, pelos annos de 1651 [1661]” (Taunay 1955: 165):²¹

“[Aquele] reino se dividia em três diferentes reis, vulgarmente chamados Caciques, e cada um deles se tratava como soberano, com leis ao seu reinado gentílico, que praticava contra os vassallos culpados até o suplí-

cio de garrote. Tinham tratamento e uso prático de cultura, com economia de recolherem os frutos aos celeiros. (...) Eram estes tres reis os seguintes: Tombû, que usava de armas sobre o portico de seu palacio, e eram elas um ramo seco com tres araras vivas (...). Era este Tombû o mais poderoso entre os dois reis da sua nação e o mais observante do cumprimento de suas gentilicas leis. [Os vassallos] depois de admitidos á sua presença lhe falavam com os joelhos em terra, sem jamais levantarem os olhos para ver a face do rei. Quando saía fora se fazia carregar como em andor em que ia sentado, e este fingido trono era sobre os hombros de quatro homens dos mais principais do reino. (...) O outro se chamava Sondá, e o outro Gravitay” (NP 3: 64).

Convencidos por Fernão Dias e sob a liderança de Tombû “cinco mil almas de um e outro sexo” vieram até São Paulo, tendo sido aldeados às margens do Tietê.

“abaixo da vila de Santa Ana de Parnaíba, para aproveitar este grande número de gente da fertilidade do dito rio pela abundância dos seus peixes e da grande mataria para a cultura das sementeiras de milho, feijão e trigo. (...) Tombû praticava sempre as virtudes morais (...) Teve grande amor e inclinação sobrenatural aos religiosos de São Francisco, os quais eram atualmente hospedados do agazalho deste gentilico rei, que com grandeza os fornecia da abundância do trigo e mais fartura de suas sementeiras”(id. p. 65. Grifo nosso).

Após a morte do sertanista, “foram repartidos pelos parentes do mesmo Fernão Dias” (id., ib.).

a. Traços culturais

Mesmo que este relato de Leme pareça conter fantasias e exageros, mostra que estes indígenas, além de belicosos, já eram horticultores. Pela descrição que dá do grupo, fica patente que não eram horticultores eventuais, como os Guaianá e Puri, mas com hábito da agricultura, pois conseguiam guardar excedentes.

Quanto ao *garrote* (id., ib., p. 64), parece que este cronista confundiu os vocábulos castelhano e português. O *garrote* neste caso seria a *borduna* (*ybirá*) e por isso os grupos que moravam no médio

(21) A edição da *Nobiliarquia Paulistana*, de Pedro Taques P. Leme, editada pela Livraria Martins (sem data), coloca o ano de 1661 (3:63), ao passo que o texto citado por Taunay indica o ano de 1651, o que parece ser um erro tipográfico. A presente citação é a do texto de Taunay, por conservar a grafia original do texto de Leme.

Tibagi foram chamados de *Ybirayara* (“senhor da borduna”), não só pelos Guarani (MCA 1: 279), como também pelos Tupi (Vasconcelos, CCJ 1: 262). Esta arma correspondia ao *garrote*, na aceção castelhana – “palo grueso y fuerte que puede manejarse a modo de bastón” (Dic. Aristos 1969: 296). Em português este é o significado do *bilro/2* (GNDLP, 2: 242). Por isso foram denominados *Bilreiros* (Vasconcelos, CCJ 1: 262). Leme deve ter compulsado fontes castelhanas, onde aparece o vocábulo *garrote*, tendo dado o significado português. Por isto diz que “praticavam contra os vassallos culpados até o suplício de garrote” (NP 3: 64). Seguramente utilizavam o bilro para sujeitar o inimigo, como ainda hoje fazem os Kaingang do Sul, em conflitos internos.²²

Mais à frente, Leme, ao relatar a expedição de Fernão Dias às esmeraldas, narra o episódio da morte do sertanista e o embalsamamento do corpo do mesmo, já que seu desejo era ser enterrado na igreja de São Bento (id., ib., p. 69).

O genealogista afirma que este procedimento teria sido feito pelo filho Garcia Rodrigues Paes. Mas uma ata da Câmara de Santana do Parnaíba, que se refere ao episódio do naufrágio do barco que conduzia o corpo do sertanista, afirma que o filho estava ausente, tendo este se encontrado com a comitiva apenas nesse momento, quando participou do resgate nas águas do rio das Velhas, depois de muitos dias de busca (In: Arq. Marinha e Ultramar, 2462, ap. Taunay 1955: 260-1). Isto mostra que o cadáver não fora embalsamado segundo técnicas europeias, mas mumificado, seguramente de acordo com a tradição dos indígenas Guaianá da comitiva, como faziam os *Guaianá do Sul*, como se verá mais à frente.

b. O idioma

Quanto ao idioma, o texto apresenta apenas os nomes de três chefes – *Tombû*, *Sondá* e *Gravitay*. Estes dois primeiros parecem ser nomes guaianás, caso identifiquemos este grupo com os atuais Kaingang, pois neste idioma há uma predominância de vocábulos monossílabos e dissílabos, sendo estes exclusivamente oxítonos (D’Angelis 1991: 3-4). O terceiro seria um nome tupi ou guarani.

(22) Observação relatada por Ernilda Nascimento, missionária do Cimi, ao autor.

Infelizmente não pudemos fazer um levantamento nos registros dos escravos indígenas e nos inventários seiscentistas de São Paulo, para identificar possíveis nomes guaianases, pois fugiria à proposta de nossa pesquisa, que foi a de trabalhar a documentação dos cronistas e missionários.

7.2 Os Guaianã/Gualachos

Nos textos seiscentistas dos jesuítas do Paraguai, aparecem de forma um tanto detalhada a vida e os costumes de outros *Guaianá*, que viviam no atual estado do Paraná.

Receberam vários nomes, como os *Guanhanos* que foram aldeados na *reducción de la Concepción de Nuestra Señora de Guañanos*, no alto Piquiri (MCA 1:345); ou os *Gualachos*, que viviam nos campos do médio Tibagi (id., ib., p. 295); ou *Ybiraiyara*, que também viviam no médio Tibagi e que se estabeleceram perto da redução de Encarnación (id., ib., p. 279); *Camperos*, por habitarem em “dilatados campos (...) a distinción de las demás naciones que viven en los montes y rios” (id., ib., p. 242); *Cavelludos* (*Cabeludos*) ou *Coronados* (*Coroados*) “porque traíen tendido el cavello tan crecido que les cubre los ombros solo cercenada por toda la frente hasta las orejas, dixense con otro nombre coronados porque aun las mugeres y niños usan a abrirse las coronas como los frayles” (id., ib.) e *Chequis/Chiquis*, que era “gentilidad de Gualachos”, vivendo entre os rios Piquiri e Iguazu (id., ib., p. 295).

Pela localização, parecem ser os mesmo *Ybiraiaras*, descritos por Anchieta em setembro de 1554:

“(...) *Todos estes obedecem a um só senhor, têm horror em comer carne humana, contentam-se com uma só mulher, guardam diligentemente as filhas virgens – coisa de que os outros não cuidam – não as entregam a ninguém senão ao próprio marido, e se a esposa comete adultério o marido mata-a. Mas se esta, fugindo às mãos do marido se refugia na casa do chefe, é recebido por ele com bondade e é conservada lá até se aplacar completamente a ira do marido. Se alguém se apodera duma coisa alheia, é levado diante do chefe e ele manda-o açoitar por um algoz. Não crêem em nenhuma idolatria ou feiticeiro, e avantajam-se a muitíssimos outros nos bons costumes, de maneira que parecem muito pró-*

ximos da lei da natureza. Só parece neles digno de repreensão matarem às vezes na guerra os cativos e guardarem as cabeças deles como troféus"(CAP, p. 79).

Este relato traz várias informações que precisariam ser melhor cotejadas com textos de Montoya e de outros jesuítas paraguaios, pois Anchieta escreveu a partir de informações de terceiros. Correia, que se preparava para ir a este povo, já havia recolhido "vocábulos e modos de falar desta gente de um índio que tinha estado entre eles cativo" (CCJ 1: 262). Infelizmente este vocabulário parece ter se perdido por ocasião da morte deste missionário.

O mapa de Ernot traz igualmente a localização dos *Ibituruna* ("serra negra"), situando-os a sudoeste do Paraná e dos *Caaguá* ("gente do mato"), no atual Rio Grande do Sul (ver fig. 1). Para Melià, estes dois etnônimos designariam também os mesmos *Guaianã/Gualachos* (1983:174). Tanto ele (id., ib., p. 174-5) quanto Hemming (1982: 579-80) admitem que estes grupos formavam uma mesma etnia, sendo os ancestrais dos Kaingang. Covém observar que muitas vezes a região identificava o grupo, como ocorre aqui com os *Ibituruna*. Quanto à *Caaguá*, era uma designação que os Guarani davam a grupos mais arredios, vivendo nas matas, tanto de cultura guarani, como não-guarani, como observou Nimuendaju, sendo o etnônimo *Caiuá/Kaywá* uma deformação de *Caaguá* (1987:16).

Estes nomes, como afirma Melià, seriam "como apelidos com que estes índios foram designados pelos 'outros', no intento de descrevê-los sob o aspecto visual ou alguma característica do seu comportamento e modo de vida" (1983:174) (Fig. 1).

a. Traços culturais

Uma das melhores descrições dos *Guaianã/Gualacho*, foi feita por Montoya, na Carta Anua de 1628:

"Es esta gente mui guerrera y exercitada en matar principalmente en tempo de borracheras a que son mui dados por averles dado la naturaleza mucha miel por los montes (...). Vistense de ortigas que las benefician y texen ropa gruesa. Los Indios muchos andan desnudos, las mujeres todas andan cubiertas y honestas, tienen poco recato son mui entremetidas y los maridos las celan poco o nada porque en enfadandose ellas dexan a los varones.

Ellas si: çelan a los maridos. No tienen mas que una muger casanse luego que tienen edad. Duermen al modo que los Indios del Peru sobre un poco de paja cubiertos con unas mantas de ortigas. Tienen sus casas redondas y pequeñas. Todos son labradores. Su cosecha es de maíz. No cuidan de otra cosa y deste comen poco. Su sustento es de piñones y caça de venados, puercos y antas. Cojenlos a la fleca (flecha) o en trampas, o çestos mui largos y grandes que hacen los quales los ponen al modo que las nasas en los rios para cojer camarones" (MCA 1:296-7).

Assim, estamos diante de um grupo muito próximo aos atuais Kaingang, como o fato de serem guerreiros, dados a matar, sobretudo durante as bebedeiras (Mabilde [1866]1983:181-9, 120; Borba 1908:14-5); a coleta de pinhão (Mabilde ib., p. 125); o cultivo do milho (Borba, ib., p. 10, 16); o tecido com fibra de urtiga, para as mulheres se cobrirem (id., ib., p. 7) e o dormir no chão, sobre capim (id., ib., p. 9). Ao referir-se às "casas pequenas e redondas", parece não tratar-se de casas redondas e subterrâneas, como sugeriu Melià (1983:174), pois senão Montoya teria sido mais explícito. Esta identidade Kaingang/Guaianá foi também proposta por Monteiro (1984:24).

Quanto às cerimônias fúnebres, o jesuíta apresenta o ritual funerário, com mumificação do corpo, incineração e enterramento:

"Lloran mucho tienpo sus muertos y si es el Casique o deudo cercano, matan dos o tres o mas conforme a la calidad, la mitad Indios y la mitad Indias para que en la otra vida le acompañen los varones y las hembras le hajan chicha. (...) Lloran en casa al muerto hasta que le pueden sufrir por el hedor, luego lo sacan al campo pegado al pueblo o en la chacara de los parientes y alli hacen un çarço [zarzo]²³ alto del suelo un estado²⁴ y el lo ponen cubierto de paja por en cima. Con el sol y frio se enjuga. Estando ya seco hacen mucha chicha limpian aquel lugar y en el se sientan todos a beber, y otros queman el cuerpo en

(23) "Trançado plano, feito de taquara, junco ou galho" (Aristos 1969:646), que em português corresponderia a jirau.

(24) (Acepção antiga) "altura ordinária de um homem" (NDLP, p. 575).

medio de aquella plaçuela recojen las çeniças y hacen un hoyo y entierranlas. Hacen en sima una casita mui pequena redonda en la qual cabra [caiba] una persona sentada, levantanse todos y a grandes voces dicen en su lengua: sal, sal; vete, vete, repetindolo muchas veces a grandes gritos con lo qual dicen que sube al çielo. Cada año limpian aquel lugar sus deudos. Y sus Casiques hacen un monton de tierra sobre la sepultura” (id., ib., p. 297-8).

Neste relato identificamos a prática de mumificação, cujo processo seguramente teria sido usado pelos Guaianá de Fernão Dias, por ocasião de sua morte no sertão de Minas. No século XVIII, Lozano descreveu um ritual dos Guaianá/Gualacho que viviam às margens do rio Iguacu, que os faz aproximar dos Kaingang, como sugere Métraux (HSAI 1: 465):

“(…) forman un género de cementerio, que conservan muy limpio; y en él abren sus sepulturas, y enterrando á alguno, ponen sobre cada una un montón de tierra en figura piramidal, en cuyo remate sientan un medio calabazo, y al pié conservan de contínuo un fuego lento que van cebar todos los días con leña muy tenue, sus mas cercanos parientes. El calabazo, dicen, es para que no falte al difunto con que beber, si el afligiere la sed; y el fuego para que ahuyente las moscas” ([c. 1755] 1873-5 1:423, Hist. conq. Paraguay. In: Métraux, ib., p. 465).

Em meados do século passado, os Kaingang do Rio Grande do Sul ainda conservavam o hábito de colocar vasilha e cuia com água para os mortos (Mabilde 1983:116). Quanto à cremação e ao enterramento das cinzas, Borba as encontrou nos montes funerários no município de Tibagi (1908:124-5), assim como o uso do *kiki* ou *quiqui*, bebida fermentada à base de mel, semelhante à *chicha*, do relato jesuítico (id., ib., p. 13). Os Xokleng, que seguramente faziam parte dos chamados Guaianá, conservaram até décadas passadas o hábito da cremação dos mortos (Santos, 1973:212).²⁵

Num texto de 1630, Montoya apontava outros traços característicos, como a belicosidade e as cor-

ridas com cargas pesadas, o que os aproxima mais dos povos jê do Centro-Oeste, do que dos pacíficos Guaianá do século XVI:

“Son estos yndios mui guerreros, assi unos con otros como con las naciones vezinas principalm^e con los guaranis de q tienen aun muchos captivos (...). Exerçitanse todos los dias en armas, como en flechar a un blanco, en correr y en llevar cargas pesadas, y algunas vezes se llevan unos a otros corriendo para q si se ven vençidos en la guerra y huyendo puedan traer a questas a los heridos. Despues q se començo esta rreduçion reñeron dos pueblos en un campo raço flechandose de una parte y otra muchos” (MCA 1:347-8).

Seguramente foi a belicosidade destes indígenas que ocasionou muitas rebeliões nas fazendas paulistas, sobretudo a partir de 1652, como assinalou Monteiro (1995: 177-86).

b. O idioma

Como afirma Montoya, este grupo possuía língua própria, diferente da guarani, (MCA 1: 345). Os jesuítas elaboraram gramática e vocabulário, além de verter para a língua orações e o catecismo cristão (id., ib.). Não pudemos verificar se este material foi conservado, mas no texto citado há uma frase na língua guaianá/gualacho, muito semelhante ao kaingang atual:

níyi chi catu tapli: “humo negro sube al çielo” (id. p. 347).

níja chê kanhkātu tāpry: “fumaça preta sobe ao céu” [traduzido para o kaingang moderno por Melià (1983: 175)].

Dos Guaianá do Iguacu, Lozano conservou apenas uma palavra – *acupli*, “alma, espírito” (In: Métraux, HSAI 1: 446), que no atual kaingang seria *vaicupli*, conforme propõe Métraux (id., ib.). Guérios encontrou entre os Kaingang do Tibagi a variante *vaikupri*, com o mesmo significado de alma (In: Tempski, BIHGEP 1986, 44: 348).

No século passado, tanto no Paraná como em São Paulo, os Kaingang foram chamados de *Guaianá* ou *Guaianás*, como se vê num ofício de 1843, do Barão de Antonina, que se queixava ao governador de São Paulo, dos atos de violência praticados por indígenas, em Itapeva: “(...) continuaram outros

(25) Para mais detalhes dos ritos funerários ver Métraux (HSAI 1: 465-6) e Veiga (1994:196-7).

grupos de Guaianás ou Kaingangues, no seu primitivo estado selvagem” (In: Borba, 1908: 132).

Alguns anos antes, em 1820, Saint-Hilaire, ao passar por esta região, colheu de um jovem escravo *Guaianã* (*Guanhanã* como escreve), que vivia numa fazenda, várias palavras na língua indígena, e que reforça mais ainda a identificação desses Guaianã do Paraná com os atuais Kaingang ([1851] 1976: 227).

Dos 31 vocábulos recolhidos, 18 são idênticos ou próximos ao kaingang, o que dá uma percentagem de 58,1%. Dos 13 que se diferenciam, um deles (*fubá*) é estranho à cultura kaingang, o que faz aumentar a percentagem para 61,2%.

Na amostragem abaixo, colocamos também os vocábulos tupis correspondentes, para se dirimir possíveis dúvidas. O próprio Saint-Hilaire nesse momento supôs que o nome Guaianã tivesse sido dados aos indígenas da região por “alguma lembrança histórica” dos indígenas de Piratininga e se admira que fosse dado este etnônimo a um grupo não tupi (id., ib. 226).²⁶

TABELA 1

Português	Guaianã	Kaingang	Tupi
Água	<i>goió</i>	<i>gôit(T), gôyo(B)</i>	<i>y</i>
Anta	<i>côjuru</i>	<i>oiúr(T), oyôró(B)</i>	<i>tapijra</i>
Estrela	<i>cligué</i>	<i>cring(T), crin(B)</i>	<i>jacytatá</i>
Feijão	<i>ingró</i>	<i>réngró(T)</i>	<i>comãdã</i>
Grande	<i>crangué</i>	<i>bang(T), bang(B)</i>	<i>guaçu</i>
Milho	<i>nheré</i>	<i>gór(T), nór*</i>	<i>abati</i>
Pequeno	<i>carove</i>	<i>cónéng(T), canxire(B)</i>	<i>mirim</i>

(*) Nór, com /r/ retroflexo, é o som que ouvimos dos Kaingang do Rio Grande do Sul, num curso que ministramos para professores (1993, APBKG/Unijuí). Foi também assim registrado por D'Angelis (1991:13).

(26) A lista completa deste vocabulário encontra-se na obra de Saint-Hilaire (ib. 226-7). Os vocábulos kaingangs extraídos da obra de Tempski (1986), elaborada a partir de informantes do Rio Grande do Sul, trazem o morfema /T/ e os vocábulos coletados por Borba (1908), na região do Paraná, trazem o morfema /B/. Os vocábulos tupis foram reproduzidos do *Vocabulário na Língua Brasileira*, compilado pelos jesuítas no séc. XVI e XVII. Sobre esta obra ver estudos de Leite (Brotéria, 1936:23 (2-3):109-11; Rev. Portugal, 1946, 50:181-90).

Conclusão

O que foi apresentado aqui, é uma contribuição ao debate, que precisava ser retomado, pois a questão dos etnônimos, sobretudo na região de São Paulo, necessita avançar mais.

Embora a questão da existência de dois grupos Guaianá em São Paulo – um da serra do Mar e outro do Sul –, seja um tema que exigiria mais pesquisas nos arquivos públicos, esperamos que nosso trabalho tenha contribuído para mostrar que os Guaianá não viveram tradicionalmente na região chamada Piratininga, tendo sido aí levados posteriormente como escravos.

Um outro ponto a ser considerado é sua língua, pois a partir dos poucos vocábulos coletados, sobretudo entre os *Guaianá do Sul*, podemos identificá-los como falantes de uma língua do tronco macro-jê (Rodrigues 1986: 48). Assim, a existência de um povo Guaianá, de cultura tupi, na região de São Paulo, não se sustenta historicamente.

Abreviaturas

ABN: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*.

ACSP: *Atas da Câmara de São Paulo*.

AMP: *Anais do Museu Paulista*.

BNL: *Biblioteca Nacional de Lisboa*.

BIHGEP: *Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense*.

CAB: Anchieta. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Ed. Acad. Bras. Letras.

CAP: Anchieta. *Correspondência ativa e passiva*. Ed. Loyola.

CCJ: Vasconcelos, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. 2 v.

CPJ: Leite (org.). *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. 3 v.

GNDLP: Freire, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*.

HCJB: Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 v.

HSAl: *Handbook of South American Indians*. 5 v.

MBP I: Thevet. Manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris, *Journal de la Société des Américanistes*, 1929.

MBP II: Thevet. Manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris. In: Métraux, 1979.

MCA: *Manuscrito da coleção de Angelis*. 4 v.
NDLP: Ferreira, Aurélio B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*.

NP: Leme, Pedro Taques. *Nobiliarquia Paulistana Historica e Genealogica*. 3 v.

RGCSF: *Registro Geral da Câmara de São Paulo*.

RIHGB: *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*.

RMP: *Revista do Museu Paulista*.

TH: Anchieta, *Textos Históricos*.

VA: Vasconcelos, S.: *Vida do Venerável José de Anchieta da Companhia de Jesus*. 2 v.

VLB: *Vocabulário na Língua Brasileira*. 2 v.

PREZIA, B.A.G. The Guaianá of São Paulo: a contribution to the debate. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 155-177, 1998.

ABSTRACT: The Guaianá issue of whether or not the Piratininga (São Paulo) indigenous population is Tupi remains an open debate and has involved linguist and historians since the beginning of the past decade. This study is based on the writings and records of missionaries from the 16th and 17th centuries. It presents the hypothesis that both the Guaianá/Guaianan have the same macro-jê language and their ethnic make up comes from various indigenous groups in Brazil that eventually became identified with each other: the Guaianá who lived in the Serra do Mar, between São Paulo and Rio de Janeiro, closely related culturally to the Puri, and the Guaianá who relocated from the South during the middle of the 18th Century, whose ancestor would have been the Kaingang indians.

UNITERMS: Indians – São Paulo – Paraná – Territory – Ethnolinguistics – Ethnohistory.

Referências bibliográficas

- ABBEVILLE, C.
1945 [c. 1615] *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Trad. Sérgio Milliet, Livr. Martins, São Paulo. (Col. Biblioteca Histórica Brasileira, v. 15).
- ABREU, J.C.
1963 [1917] Os Guaianases de Piratininga. *Capítulos de História Colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 5. ed., Ed. UnB, Brasília. (Col. Bibl. Básica Brasileira, v. 2).
- ANCHIETA, J.
1933 [1553-96] *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira-Acad. Bras. Letras.
1947 [c.1584] Informação dos casamentos dos índios do Brasil. *Sociologia*, São Paulo, 9 (4):379-85.
1984 [1553-96] *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo. Ed. Loyola. (Obras compl., v. 6).
- 1989 [1584-96] *Textos históricos*. São Paulo, Ed. Loyola.
- ATAS DA CÂMARA DE SÃO PAULO.
1915 Div. Arq. Dep. Cult. Prefeitura Município São Paulo, São Paulo, v. 1, 2, 3 e 6
- AYROSA, P.
1967 *Estudos tupinológicos*. São Paulo, IEB, (Publicações, v. 4).
- BALDUS, H.
1954 *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo, Comis. IV cent. cidade S. Paulo, v. 1.
- BOMTEMPI, S.
1970 *O bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo, Pref. Município. São Paulo, Secr. Educ. Cult. (Série História dos bairros de São Paulo, v. 7).
- BORBA, T.
1908 *Actualidade Indígena*. Curitiba, Typographia Paranaense.
- CARDIM, F.
1978 [1625] *Tratado da terra e gente do Brasil*. 3. ed. São Paulo, Comp. Ed. Nacional-Mec. (Col. Brasileira, v. 168).

- CORTESÃO, J.
(1958) *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura.
- CUNHA, M.
(1992) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- D'ANGELIS, W.
1991 *Fonologia de um dialeto kaingang*. Monografia, IEL-Unicamp, Campinas, mimeo.
- FREIREYSS, G.W.
1900-1 [1814-15] Viagem a varias tribus selvagens na capitania de Minas-Geraes. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*, São Paulo, 6: 236-52.
- FREITAS, A.
1910 *Os Guayanás de Piratininga*. São Paulo, Laemmert.
1914 Distribuição geográfica das tribus indígenas na época do descobrimento. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*, São Paulo, 19:105-95.
- GAY, J.P.
1863 História da república jesuítica do Paraguay, desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, anno de 1861. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 26:1-430.
- GUÉRIOS, R.M.
1986 Estudo sobre a língua caingangue. Dialeto de Palmas, dialeto de Tibagi. Edwino Donato Tempiski (Org.) Caingangues-gente do mato. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnológico Paranaense*, Curitiba, 6 (2).
- HEMMING, J.
1982 *Storia della conquista del Brasile*. Milão, Rizzoli.
- IHERING, H.
1904 Os Guayanás e Caingangues de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 6: 23-44.
- KNIVET, A.
1947 [1625] *Vária fortuna e estranhos fados de Anthony Knivet*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- LEITE, S. (Org.)
1954 [1538-1563] *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo, Com. IV Centen. Cidade S. Paulo 3 v.
- LEME, P.T.P.
s/d [1776] *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*. 3. ed., São Paulo, Livr. Matins Ed.
- LÉRY, J.
1578 *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique...* Antoine Chuppin [Genève].
1972 [1578] *Viagem à terra do Brasil*. 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. Notas de Plínio Ayrosa, São Paulo, Livr. Martins-Edusp. (Col. Bibl. Histórica Brasileira).
- MABILDE, P.B.
1983 [1833] *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroado dos matos da Província do Rio Grande do Sul*. São Paulo, Ibrasa, Brasília, INL-Pró Memória.
- MADRE DE DEUS, G.
1975 [1797] *Memórias para a história da capitania de São Vicente*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Edusp (Col. Reconquista do Brasil, v. 20).
- MARTINEZ, B.
1904 Os índios guayanás. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 6:45-52.
- MARTIUS, C.F.
1863 *Glossaria Linguarum Brasiliensium*. Druck von Junge & Sohn, Erlangen.
- MELIÀ, B.
1983 Informação etnográfica e histórica sobre os Kaingang do Rio Grande do Sul. *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, Santa Rosa: 173-83.
1993 *El Guarani conquistado y reducido*. Centro de Estud. Antrop. Univ. Católica, Asunción. (Col. Biblioteca Paraguaya de Antropologia, v. 5).
- MÉTRAUX, A.
1929 Les indiens Waitaka. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, 21:107-26.
1963 The Caingang. Steward (Ed.) *Handbook of South American Indians*. Cooper Square, New York, 1:445-75.
- MONTEIRO, Jácome
1949 [1610] Relação da Província do Brasil, 1610. S. Leite (Org.) *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, Livr. Portugália, Rio de Janeiro Civilização Brasileira-INL, 8: 393-425.
- MONTEIRO, John
1984 Vida e morte do índio: São Paulo colonial. Vários Autores, *Índios no estado de São Paulo: resistência e transfiguração*. Yankatu-Com. Pró-Índio, São Paulo: 21-44.
1992 Tupis, Tapuias e a história de São Paulo. *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, 34:125-35.
1994 *Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- MONTROYA, A. R.
1639 *Tesoro de la Lengua Guarani*. Madrid, Ivan Sanchez.
1951 [1628] Carta ánuva do Padre Antonio Ruiz, superior da missão do Guairá, dirigida em 1628... In: Cortesão (Org.) *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, (Divisão de obras raras e publicações, v. 1).
- NIMUENDAJU, C.
1987a [1914] *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani*. São Paulo, Hucitec-Edusp.
1987b [1944] *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. 1. ed., 2. impr. Rio de Janeiro, IBGE.
- PETRONE, P.
1995 *Aldeamentos Paulistas*. São Paulo, Edusp.
- PREZIA, B.
1997 *Os indígenas do planalto paulista. Etnônimos e grupos indígenas nos relatos dos viajantes*,

- cronistas e missionários dos séculos XVI e XVII*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, São Paulo, mimeo.
- RIBEIRO, J.C.G.
1908 Os indígenas primitivos de S. Paulo (Guayanazes, Tapuias ou tupis?). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*, São Paulo, 13: 183-95.
- RODRIGUES, A.
1986 *Línguas brasileiras*. São Paulo, Ed. Loyola.
- RODRIGUES, J.H.
1979 *História da História do Brasil (1ª parte, Historiografia colonial)*. 2. ed., São Paulo, Comp. Ed. Nacional, (Col. Brasileira, grande formato, v. 21).
- SAINT-HILAIRE, A.
1976 [1851] *Viagem à Província de São Paulo*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Edusp, (Col. Reconquista do Brasil, v. 18).
- SAMPAIO, T.
1987 A nação Guayanã da capitania de São Vicente. *Revista do Museu Paulista*, 2:115-28.
1978a [c. 1903] Os Guaianãs da capital (sic) de S. Vicente. *São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos*. Petrópolis, Ed. Vozes: 201-10.
1978b [c. 1903] Peregrinações de Antônio Knivet no século XVI. *São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos*. Ed. Vozes, Petrópolis, p. 341-88.
- SANTOS, S.C.
1973 *Índios e brancos no sul do Brasil*. Florianópolis, Edeme.
- SCHADEN, E.
1958 *Os primeiros habitantes do território paulista*. Vários Autores, *Ensaio paulista*. São Paulo: Anhambi-O Estado de S. Paulo, São Paulo: 746-62.
- SOUSA, G. S.
1851 [1587] Tratado descritivo do Brasil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 14:13-365.
1938 [1587] *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. 3. ed., notas de F. A. Varnhagen, São Paulo, Comp. Ed. Nacional, (Col. Brasileira, v. 117).
- SPIX, J.B.; MARTIUS, C.F.
1981 [1823] *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Edusp, 2 v. (Col. Reconquista do Brasil, nova série, v. 46).
- STADEN, H.
1900 [1557] *Suas viagens e cativéis entre os selvagens do Brasil*. Notas de Teodoro Sampaio, São Paulo, Casa Eclética.
1988 [1557] *Dois viagens ao Brasil*. Notas de F.A. Carvalho Franco & Teodoro Sampaio. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Edusp.
- SUSNIK, B.
1975 *Dispersión tupi-guarani prehistórica*. Museo Etnográfico Andrés Barbero, Asunción.
- THEVET, A.
1575 *La cosmographie Universelle*. Guillaume Chaudiere, Paris, 2 v.
- 1929 [1592] Histoire d'André Thevet Angoumoisain, cosmographe du Roy, de deux voyages par luy faits aux Indes Australes et Occidentales. (Man. Bibl. Nac. Paris, fol. 114-6). In: A. Métraux, Les Indiens Waitaka. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, 21:121-4.
1933 [1592] Histoire d'André Thevet Angoumoisain... (fol. 33-7). In: A. Métraux, Un chapitre inédit du cosmographe André Thevet sur la géographie et l'ethnographie du Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, 1933: 33-40.
1979 [1592] Histoire d'André Thevet Angoumoisain... (fol. 53-62). In: A. Métraux, *A religião dos Tupinambá*. 2. ed., São Paulo, Comp. Ed. Nacional (Col. Brasileira, v. 267).
- TORREZÃO, A.N.
1889 Vocabulário Puri. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 52: 511-3.
- TAUNAY, A.E.
1921 *S. Paulo no século XVI*. Arrault, Tours.
1955 *A grande vida de Fernão Dias Pais*. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio. (Col. Documentos Brasileiros, v. 83).
- TEMPSKI, E.
1986 Caingângues-gente do mato. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. 44.
- URBAN, G.
1992 A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. Manuela Carneiro da Cunha (Ed.) *História dos Índios do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras-Fapesp-Secr. Mun. Cult. São Paulo: 87-102.
- VALE, L.
1952 [c. 1580] Vocabulário na Língua Brasílica. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Etnografia e Tupi-Guarani)*, USP, São Paulo, 137 (23):9-154, v. 1.
1953 [c. 1580] Vocabulário na Língua Brasílica. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, USP, 164 (26): 1-149, v. 2.
- VASCONCELOS, S.
1977 [1663] *Crônica da Companhia de Jesus*. 3. ed. Petrópolis, Ed. Vozes, Brasília, INL-Mec, 2 v.
1943 [1672] *Vida do venerável Padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro, Impr. Nacional, 2 v. (Col. Biblioteca Popular Brasileira, v. 3).
- VEIGA, J.
1994 *Organização social e cosmovisão kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação de uma sociedade Jê Meredional*. Dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, Campinas, mimeo.
- VIEGAS, M.
1949 [1585] Carta do P. Manuel Viegas ao P. Geral Aquaviva sobre a visita do P. Cristovão Gouveia, a língua Tupi e os Índios Maromemins. S. Leite (Org.) *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, Portugal, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira-INL, 9: 384-5.

PREZIA, B.A.G. Os Guaianá de São Paulo: uma contribuição ao debate. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 155-177, 1998.

WIED-NEUWIED, M.

1989 [1820] *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Edusp, (Col. Reconquista do Brasil, 2ª série, v. 156).

ZWETSCH, R.

1994 Kaingang, os limites do desenvolvimento. Prezias et al., *Kaingang, confronto cultural e identidade étnica*. Piracicaba, Unimep: 15-58.

Recebido para publicação em 25 de maio de 1998.